



MOSTEIRO DE
SÃO BENTO
RIO DE JANEIRO

V DOMINGO DA QUARESMA - B

Neste V Domingo de Quaresma, o evangelista João chama a nossa atenção a um pormenor curioso: alguns «gregos», de religião hebraica, vindos de Jerusalém para a festa da Páscoa, dirigem-se ao apóstolo Filipe, dizendo-lhe: «Senhor, queremos ver Jesus» (*Jo 12, 21*). Na cidade santa, onde Jesus foi pela última vez, há muitas pessoas. Estão presentes os pequeninos e os simples, que acolheram alegremente o profeta de Nazaré reconhecendo nele o Enviado do Senhor. Estão presentes os sumos sacerdotes e os chefes do povo, que o querem eliminar porque o consideram herético e perigoso. Há também muitas pessoas, como por exemplo aqueles «gregos», que estão curiosos para o ver e saber mais sobre a sua pessoa e as obras cumpridas por Ele, a última dos quais — a ressurreição de Lázaro — causou grande alarido.

«Queremos ver Jesus»: estas palavras, como muitas outras nos Evangelhos, vão para além do episódio particular e exprimem algo *universal*; revelam um desejo que atravessa *as épocas e as culturas*, um desejo presente no coração de muitas pessoas que ouviram falar de Jesus, mas ainda não o *encontraram*. «Eu desejo ver Jesus», assim sente o coração desta Gente.

Respondendo indiretamente, de maneira profética, àquele pedido de o poder ver, Jesus pronuncia uma profecia que revela a sua identidade e indica o caminho para o conhecer verdadeiramente: «Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado» (*Jo 12, 23*). *Chegou a hora da Cruz!* Chegou a hora da derrota de Satanás, príncipe do mal, e do triunfo definitivo do amor misericordioso de Deus. Cristo declara que será «*elevado da terra*» (v. 32), uma expressão que tem um duplo significado: «*elevado ou levantado*» porque

crucificado, «elevado /levantado» porque exaltado pelo Pai na Ressurreição, para atrair todos a si e reconciliar os homens com Deus e entre eles. A hora da cruz, a mais obscura da história, é também a fonte da salvação para quantos acreditam nele.

Prosseguindo a profecia sobre a sua Páscoa já iminente, Jesus usa uma imagem simples e sugestiva, a do «*grão de trigo*» que, ao cair na terra, morre para produzir fruto (cf. v. 24). Nesta imagem encontramos outro aspecto da Cruz de Cristo: o da *fecundidade*. A cruz de Cristo é fecunda. Com efeito, a morte de Jesus é uma fonte inesgotável de vida nova, porque traz em si a força regeneradora do amor de Deus. Imergidos neste amor pelo Batismo, os cristãos podem tornar-se «grãos de trigo» e dar muito fruto se, como Jesus, «perderem a própria vida» por amor de Deus e dos irmãos (cf. v. 25).

Por esta razão, a quantos hoje «querem ver Jesus», a quantos estão à procura do rosto de Deus; a quem recebeu uma catequese quando era criança e depois não a aprofundou e talvez perdeu a fé; aos numerosos que ainda não encontraram Jesus pessoalmente...; a todas estas pessoas podemos oferecer três coisas: *o Evangelho*; *o crucifixo* e *o testemunho* da nossa fé, pobre, mas sincera. O Evangelho: ali podemos encontrar Jesus, ouvi-lo, conhecê-lo. O crucifixo: sinal do amor de Jesus que se entregou a si mesmo por nós. E também uma fé que se traduz em gestos simples de caridade fraterna. Mas principalmente na coerência de vida entre o que dizemos e o que vivemos, coerência entre a nossa fé e a nossa vida, entre as nossas palavras e as nossas ações. Evangelho, crucifixo, testemunho. Que Nossa Senhora, juntamente com São José e São Bento que iremos festejar nos próximos dias, nos ajudem a carregar estas três coisas. Amém.

Dom José Palmeiro Mendes, OSB
Mosteiro de São Bento/RJ